

# As heranças Mesopotâmicas no Domo da Rocha

Luísa Mayumi Hasegawa de Freitas (BIC/UFRGS), acadêmica da História da Arte.

Projeto *Memória Cultural na Gênese e Desenvolvimento da Arte Islâmica*, orientado pela Profa. Dra. Katia Maria Paim Pozzer

## INTRODUÇÃO

Construído no séc. VII EC pela Dinastia Omíada, o Domo da Rocha – localizado no complexo *Haram al-Sharif*, em Jerusalém – é considerado um dos locais sagrados mais antigos. É, também, uma das primeiras construções consideradas grandiosas em termos de opulência, rompendo com uma tradição do Islã de fachadas com decorações mais modestas. Ao mesmo tempo que representa essa quebra, pode simbolizar uma retomada à herança de elementos de outros impérios, tais quais os mesopotâmicos da Babilônia e Assíria.



O Domo da Rocha, Israel. Fotografia de Dansshots.

## RESULTADOS PARCIAIS

O Domo da Rocha, completado em 691-692 EC, não é somente o mais antigo grande monumento do Islã, mas também a primeira construção islâmica que foi destinada para ser, acima de tudo, um empreendimento estético. Sua cúpula banhada em ouro foi pensada pelo califa Abd al-Malik (646–705 EC) como uma forma de vangloriar as riquezas do Império Islâmico e de afirmar e condecorar sua religião como superior. Outros elementos reiteram esse discurso, como os temas decorativos de motivos vegetais, geométricos e caligráficos, muitas vezes agregados por califados sucessores. Os azulejos da fachada externa, por exemplo, foram acrescentados pelos Otomanos no séc. XVI EC. O monumento teve, ainda, diversos níveis de simbologias e significados adicionados pelo contexto histórico, político e religioso de Jerusalém.

## REFERÊNCIAS

BLAIR, Sheila; BLOOM, Jonathan. Ornamentación islâmica. In.: DELIUS, Peter; HATTSTEIN, Markus. *Islam: Arte y Arquitectura*. Espanha: H. F. Ullmann.

DIDI-HUBERMAN, Georges. O anacronismo fabrica a história: sobre a inatualidade de Carl Einstein. In.: *Fronteiras: arte, críticas e outros ensaios*. Org. Mônica Zielinsky. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

GRABAR, Oleg. *The Dome of the Rock*. Cambridge: Harvard Press, 2006.

GRABAR, Oleg. *The Formation of Islamic Art*. New Haven e Londres: Yale University Press, 1978.

KING, L.W. Excavations at Babylon. In.: *The Burlington Magazine for Connoisseurs*, Vol. 26, No. 144 (Mar., 1915). Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/859903>. Acesso em 12 de Julho de 2016.

MARZAHN, Joachim. *La Porte d'Ishtar de Babylone*. La Voie Processionnelle La Fête du Nouvel An à Babylone. Mogúncia: Staatliche Museen zu Berlin, 1993.

WARBURG, Aby. *A renovação da Antiguidade pagã*. Contribuições científico-culturais para a história do Renascimento europeu. Trad. Markus Hediger. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2013.

## Contatos

Luísa: [luisa\\_hasegawa@hotmail.com](mailto:luisa_hasegawa@hotmail.com)

Katia: [katia.pozzer@ufrgs.br](mailto:katia.pozzer@ufrgs.br)

## OBJETIVOS E METODOLOGIA

O presente trabalho tem como objetivo principal a análise de elementos formais, arquitetônicos e iconográficos do santuário Domo da Rocha, a fim de identificar possíveis permanências mesopotâmicas. A metodologia, que possui os trabalhos de Aby Warburg (1866–1929) como grande influência, abarca uma análise formal e comparativa de elementos e ícones relevantes da história da cultura, identificando patrimônios e suas transformações simbólicas e estruturais. O estudo desses componentes permite, portanto, uma investigação da origem de tradições ainda presentes na arquitetura religiosa do Oriente Médio.



Fig. 1. Detalhe do Portal de Ištar, reconstruído no Museu de Pérgamo, Berlim. Fotografia de Youngrobov.



Fig. 2. Caligrafia na fachada do Domo da Rocha. Fotografia de Alun McDonald.

## CONCLUSÃO

A partir da análise comparativa do Domo da Rocha, podemos identificar elementos mesopotâmicos que ressurgem na decoração do santuário. Notamos que, em ambas as civilizações, a religião e a mitologia eram parte importante e fundamental na sociedade, influenciando diversas dimensões culturais. Nabucodonosor II (605–563 AEC), por exemplo, deixou nos muros do Portal de Ištar – construído em 575 AEC como parte do projeto de embelezamento de Babilônia – versos em cuneiforme (Fig. 1) que ao mesmo tempo engrandecem sua posição como rei e pedem a glória dos deuses e de Babilônia. Nas paredes externas do Domo da Rocha (Fig. 2), notamos azulejos que, replicando tanto o azul quanto o branco dos tijolos babilônicos, citam trechos do Alcorão de modo a, também, salientar a importância da construção e da religião. Os tons cromáticos não são o único elemento formal em comum: motivos vegetais e geométricos estilizados babilônicos (Fig. 4), ou ainda assírios (Fig. 5) ressurgem nas paredes do Domo da Rocha (Fig. 3). Esses anacronismos – ou ainda, sobrevivências – não possuem uma explicação direta e científica. Sabe-se, no entanto, que a arquitetura e a arte islâmicas foram, e são, moldadas a partir de diálogos interculturais que ultrapassam espaços geográficos e temporais.



Fig. 3. Detalhe da fachada do Domo da Rocha. Fotografia de Glenna Barlow.



Fig. 4. Muro do Portal de Ištar. Fotografia de Laurachel.



Fig. 5. Detalhe de assento neo-assírio, de aproximadamente 800–700 AEC. The Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque..